COLETIVO LENIN PUBLICAÇÕES

OS COMUNISTAS E A QUESTÃO SEXUAL





COLETIVO LENIN PUBLICAÇÕES
www. coletivolenin.org

OS COMUNISTAS E A QUESTÃO SEXUAL



1ª Edição
Fevereiro de 2011

Coletivo Lenin Publicações

Encomendas através de:
imprensa@coletivolenin.org

Visite:
www.coletivolenin.org

Permitida a reprodução desde que citada a fonte e sem fins lucrativos

COLETIVO LENIN
PUBLICAÇÕES
www. coletivolenin.org



OS COMUNISTAS E A QUESTÃO SEXUAL

Qual é o trabalhador que não discute sexo em seu cotidiano? Entretanto, esse assunto tão importante na vida de todos é ignorado por muitas organizações de esquerda. As restrições sexuais sempre foram parte importante da dominação de uma classe sobre outra e isso não mudou hoje. O combate à música popular com conteúdo sexual, as perseguições legais e ilegais aos homossexuais e bissexuais, a lei contra a poligamia, o controle dos pais sobre a vida sexual dos jovens e muitas outras privações evitam que os trabalhadores possam expressar livremente a sua sexualidade. Em combate às vertentes pequeno burguesas que defendem a inibição da livre expressão sexual, *Os Comunistas e a Questão Sexual* é mais uma publicação original do Coletivo Lenin, que mostra a raiz de classe da opressão sexual. Um livreto para lembrar que essa é uma discussão que deve estar presente sempre no movimento operário e nas organizações de esquerda.

A quem interessa a restrição dos direitos sexuais? .... pág. 4

Psicanálise: a ideologia burguesa sobre a sexualidade .... pág. 5

A sexualidade infantil e a pedofilia .... pág. 6

As chamadas “perversões” .... pág. 7

O mito da monogamia .... pág. 7

O mito da mulher recatada e envergonhada .... pág. 8

O mito da perversão da homossexualidade e da bissexualidade .... pág. 9

O sexo e a saúde .... pág. 10

A questão da pornografia .... pág. 10

A questão da prostituição .... pág. 11

O feminismo pequeno burguês é contra o sexo .... pág. 12

A ameaça fascista .... pág. 12

O movimento operário e o sexo .... pág. 13

OS COMUNISTAS E A QUESTÃO SEXUAL

A QUEM INTERESSA A RESTRIÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS?

As classes dominantes sempre se utilizaram de diversos artifícios para manter o seu poder. O senso comum, reforçado diariamente através de todas as formas de comunicação monopolizadas pela classe dominante tem, ao longo da historia, sido apenas mais um dos meios de preservar a dominação. Simplesmente mais um, porém, que cumpre um papel muito importante. Na Idade Média, o medo era uma das formas utilizadas pelos senhores feudais para manter os servos sob controle. Desse período surgem as lendas do lobisomem e diversos outros mitos que hoje são contos infantis, mas que naquela época cumpriram o papel de domesticar a classe explorada.

O senso comum, o medo e a ideologia propagandeada por instituições conservadoras, como a igreja, ajudam a forjar o convencimento necessário para que a maioria se submeta à dominação da minoria. Nesse contexto, o controle sobre o comportamento sexual dos povos também é um mecanismo de convencimento da submissão à dominação.

As restrições ao sexo ajudam a preservar interesses econômicos e domesticar uma classe. Isso porque a sexualidade é algo que envolve e molda o comportamento e hábitos pessoais. Manter sob controle a sexualidade de um povo significa ter um forte instrumento de controle sobre seus hábitos e comportamentos. Um instrumento sobre o qual as classes dominantes ao longo da História sempre quiseram ter um firme controle.

Nos registros deixados pelas civilizações antigas já se encontram legislações procurando regular a vida sexual. Esse controle sobre a prática sexual sempre desempenhou o papel de satisfazer algum interesse momentâneo das castas que dominavam aquela sociedade. Na civilização hebraica, que foi talvez uma das primeiras a adotar a figura masculina como única divindade, encontramos na legislação de Moisés a proibição das relações homossexuais. Igualmente, nessa legislação já se encontram normas segundo as quais as mulheres deveriam colocar-se apenas na condição de propriedade dos homens, de preferência da elite, que poderiam ter tantas quantas quisessem. Todas as mulheres deveriam procriar, sob pena de cair em profunda humilhação perante a sociedade. Proibia-se também o sexo oral e o sexo anal com as mulheres. Essas práticas eram consideradas abominação.

Toda essa legislação sexual tinha como objetivo garantir um crescimento populacional sob controle dos homens da elite hebraica e a serviço do projeto de construção de uma sociedade patriarcal. Nesse sentido, as regras que foram estabelecidas para controlar o comportamento sexual das pessoas cumpriram um importante papel. Mas como convencer as pessoas a não apenas seguir, mas também acreditarem firmemente na justeza dessas normas? Através do terror, do medo, da dominação ideológica. Assim, a religião dizia que quem tivesse um comportamento sexual diferente, seria castigado pela divindade até mesmo com a morte.

Hoje, os interesses da classe dominante, a burguesia, são diferentes dos interesses das classes que dominaram durante a antiguidade ou durante a Idade Média. Porém, o controle da vida sexual ainda desempenha o papel de manter a dominação de classe. Na época revolução industrial, passou-se à exaltação do trabalho. Os operários e operárias eram submetidos a jornadas de 12, 16 ou 18 horas diárias. A ideologia da época era que o trabalho era tudo, e quem quisesse trabalhar menos era um amaldiçoado perante Deus. Aí, mais uma vez se mostra a hipocrisia burguesa, pois a maldição valia apenas para a classe operária. A

burguesia parasitária não enroscava um parafuso sequer, mas sempre estava bem com o reino dos céus. Nesse contexto de intensa exploração do trabalho humano, era necessário reprimir ao máximo o sexo. Caso os operários e operárias quisessem ter uma vida saudável, contestariam a brutal jornada de trabalho que limitava ao máximo suas vidas sexuais.

Desse período é importante destacar que a sociedade ocidental já havia passado pela Reforma religiosa, que contestou a autoridade da igreja católica, a partir do século XVI. Eram reformas com o objetivo de adaptar a ideologia cristã aos interesses da burguesia que começava a fazer a união entre dominação econômica e dominação política da sociedade. Assim, surgiram várias vertentes protestantes que negaram muito do que era pregado pela igreja católica. Porém, não foi dirigida nenhuma crítica às restrições sexuais. Isso porque o controle sobre o comportamento sexual sempre serviu à classe dominante nos diferentes períodos históricos. Por isso, nenhuma classe exploradora jamais tentou abolir esse controle. Seria atentar contra os próprios interesses de classe.

Outro aspecto que a reforma protestante manteve intacto foi a satanização das religiões e cultura tradicionais africanas. Isso porque, sem impor restrições tão duras ao comportamento sexual, essas religiões significavam uma influência perigosa à ideologia que a burguesia queria propagar. Por isso, a luta contra a repressão sexual também é uma luta contra a opressão religiosa às religiões de matriz africana.

Como uma sociedade de origem judaico-cristã, a ideologia sexual que ainda hoje é mantida, preserva todas as restrições ao sexo e, ainda incorpora algumas. Na sociedade capitalista, a visão do sexo como pecado, maldade ou impureza, ajuda a convencer a classe trabalhadora de que sua atividade sexual deve ser a mínima possível. Assim, sobra mais tempo para se dedicar ao trabalho. Em nossa sociedade o controle sobre o sexo é realizado através da moral sexual burguesa que é reforçada por ideologias divulgadas por instituições como as igrejas.

A partir do final dos anos 1960, o desenvolvimento das forças produtivas passou a exigir uma diversificação ainda maior do consumo da classe trabalhadora (mantendo o seu nível cada vez mais baixo em proporção com a produção). Como Marx demonstrou, a um determinado nível de seu desenvolvimento, as forças produtivas colidem com as relações de produção ultrapassadas, e isso abre uma época revolucionária. Então, o capitalismo produz "escoadouros" para as forças produtivas, que não levem a um aumento real do nível de vida das massas (que levaria a uma queda da taxa de lucro).

A partir deste momento histórico, de que o maior símbolo é a pílula anticoncepcional, se tornou impossível simplesmente reprimir a sexualidade. Por isso, a forma principal de enquadramento da sexualidade no capitalismo passou a ser através da mercantilização de todas as expressões sexuais. Atualmente, o sistema atua com dois métodos: primeiro ataca as expressões da sexualidade (como a homossexualidade, a poligamia feminina, as chamadas "perversões"), o que é uma tarefa cada vez mais desempenhada pelas correntes fundamentalistas religiosas, e obriga os seus praticantes a procurarem guetos comerciais onde possam realizá-las (como os bares GLS, as casas de swing, clubes de sadomasoquismo etc).

PSICANÁLISE: A IDEOLOGIA BURGUESA SOBRE A SEXUALIDADE

Mesmo com o crescimento do fundamentalismo religioso, que é um resultado da decomposição do capitalismo desde a década de 1970, a ideologia principal da burguesia sobre a questão sexual é a **psicanálise**. Como toda ideologia, a psicanálise mistura elementos científicos com as concepções da classe dominante da sociedade em que surgiu. Ela parte de uma série de elementos científicos, como a descoberta

da sexualidade infantil e a presença do erotismo nas atividades humanas.

Mas ela distorce esses elementos, e o resultado final do discurso psicanalítico é que a sexualidade deve ser reprimida para permitir a vida em sociedade. E que toda a forma de sexualidade não-genital heterossexual (incluindo a homossexualidade) é uma fixação em uma etapa infantil do desenvolvimento da sexualidade. Ao mesmo tempo, todo o "modelo" de desenvolvimento da sexualidade na psicanálise é baseado no homem.

Um exemplo disso é a idéia do complexo de Édipo (a atração entre o menino e a mãe por volta dos quatro anos de idade). A mulher não tem análise específica na maioria das teorias psicanalíticas. Por isso, a psicanálise tem sido usada como instrumento para dizer aos trabalhadores que o sexo "normal" é o feito entre homem e mulher, que a mulher é um homem incompleto que tem "inveja do pênis", e que é impossível alguém se realizar sexualmente, porque a repressão é necessária para a vida em sociedade, e que não se submeter a uma norma exterior de comportamento é simplesmente uma psicose.

Isso não quer dizer que alguns intelectuais, usando as descobertas e partes do método da psicanálise não possam desenvolver uma teoria materialista (ou seja, científica) sobre a sexualidade. Esse foi o caso de teóricos como Foucault e Reich, que discutiremos mais à frente.

A SEXUALIDADE INFANTIL E A PEDOFILIA

Com o fim da URSS através da contra-revolução (mesmo que a moral sexual nos Estados Operários burocratizados, por causa do stalinismo, tenha sido praticamente igual à dos países capitalistas avançados), a burguesia pôde atacar todos os direitos da classe trabalhadora, e avançar mais ainda no rumo reacionário que a sociedade tem seguido desde o começo da decomposição do capitalismo. Por isso, se instaurou uma nova caça às bruxas contra os desviantes sexuais. O começo disso, principalmente nos EUA, mas agora no mundo todo, foi a onda "politicamente correta" sobre o sexo. Ultimamente, a burguesia encontrou uma tática brilhante para a agitação contra o sexo.

Obviamente, os comunistas são contra a pedofilia, porque se trata de estuprar crianças, que nem mesmo puderam desenvolver completamente a sua sexualidade. Mas não é por esse motivo que a burguesia fica fazendo campanhas de denúncia nos meios de comunicação, e Comissões de Inquérito, enquanto deixa os presos sofrerem estupros nos presídios, e crianças morrendo de fome das grandes cidades e no campo. Na verdade, a burguesia se aproveita da repulsa biológica das pessoas contra a pedofilia (porque realmente ela é indefensável) para NEGAR a sexualidade infantil e para jogar num mesmo saco todas as práticas sexuais diferentes do "papai e mamãe". Não é por acaso que a maioria das acusações de pedofilia sejam dirigidas a homossexuais.

Por isso, devemos denunciar toda a hipocrisia dos responsáveis pela caça às bruxas contra a pedofilia. Ao mesmo tempo, devemos ser contra qualquer tipo de expressão sexual forçada. Por outro lado, devemos defender ativamente as expressões de sexualidade infantil, inclusive a masturbação, fazendo uma campanha contra a sua negação e repressão pelas escolas e igrejas. A educação sexual deve ser ensinada desde o pré-escolar, mostrando quais são as características sexuais, e as relações entre elas.

E também devemos diferenciar as acusações de pedofilia do sexo com adolescentes. Muitas vezes, o sistema legal é usado por pais que querem impedir suas filhas ou filhos de terem relações sexuais, principalmente com pessoas do mesmo sexo. Por isso, defendemos a bandeira histórica do movimento homossexual dos anos 1970: **qualquer pessoa que tenha o seu sistema reprodutor plenamente**

desenvolvido tem todo o direito de usá-lo como quiser, independente de idade ou sexo do(s) parceiro(s). Os argumentos sobre "maturidade" não podem ser usados para impedir o aprendizado da sexualidade através da prática.

AS CHAMADAS "PERVERSÕES"

A ideologia da psicanálise serve diretamente à concepção de que o sexo tem um "objetivo" – a reprodução ou a saúde – ou seja, de que ele não é um fim em si mesmo. E nada contesta mais essa ideologia do que as chamadas "perversões sexuais", como o incesto, o sadomasoquismo, o fetichismo, o exibicionismo, a zoofilia, a coprofilia e um longo etc. As perversões desvinculam o sexo à reprodução, e muitas vezes vão contra tudo o que é aceitável como "normal" pela sociedade.

A nossa posição é de defesa incondicional de qualquer forma de sexualidade praticada consensualmente, e de combate às ideologias que vêem essas expressões da sexualidade como doentias. **Estado fora das camas!** Além disso, somos contra qualquer lei que restrinja a prática sexual consensual, como a proibição do incesto. Com o aumento da população, as técnicas de contracepção e a fertilização in vitro, não existe mais nenhuma base material para justificar a limitação o sexo à simples reprodução.

O MITO DA MONOGAMIA

Das civilizações que se perpetuavam através da endogamia (cruzamentos entre pessoas de uma mesma tribo, sem distinção de indivíduos), a humanidade regrediu para sociedades monogâmicas. Essa regressão coincide com o surgimento da propriedade privada. A monogamia cumpria e cumpre a função de garantir a posse sobre os descendentes. Os filhos passaram então a deixar de ser responsabilidade de toda a sociedade para serem propriedades do patriarca. Para que o homem patriarca soubesse que os filhos eram seus, era necessário que a mulher somente fizesse sexo com ele. A propriedade sobre os filhos que nasciam era importante para que o patriarca pudesse usar a força dos descendentes na defesa do seu clã e também para ter certeza que a propriedade privada não se dispersaria ao longo das gerações, mas seria mantida através da herança pela preservação do nome patriarcal.

Esse segundo aspecto do comportamento monogâmico é hoje muito importante para a burguesia, pois garante a perpetuação da propriedade e da exploração através das gerações. Um exemplo é a família Sarney, que é grande latifundiária no maranhão há mais de 400 anos. A manutenção dessa concentração da propriedade da terra só é possível através da monogamia e da herança.

A classe trabalhadora, que não tem grandes propriedades para legar aos seus descendentes, não possui interesse objetivo algum na imposição da monogamia. Pelo contrário, tem tudo para incorporar o direito à poligamia, pois esta ajudaria a dissipar poder de propriedade por parte da burguesia ao longo das gerações. Porém, as classes dominadas tendem a incorporar as ideologias das classes dominantes. Essas ideologias são sempre contrárias aos interesses da classe explorada, mas são aceitas por elas através das falsas ideologias sustentadas pelos exploradores.

Nesse caso, mais uma vez se revela a hipocrisia da moral burguesia. Ela defende a imposição da monogamia com unhas e dentes, mas sempre procura meios de burlá-la. Para isso, a burguesia recorre com freqüência à prostituição. Muitos grandes burgueses que defendem a monogamia mantém uma mulher oficial, para apresentar perante a sociedade, e, ao mesmo tempo, várias outras amantes pra o prazer sexual.

Muitas mulheres burguesas fazem algo semelhante mantendo amantes, geralmente jovens, escondidos

da sociedade. Além disso, as festas de setores da burguesia, como artistas da Rede Globo, que promovem surubas entre si, ou as caríssimas e luxuosas casas de swing existentes em bairros ricos, são formas de a burguesia burlar as normas que restringem o sexo, praticar a poligamia e, no dia a dia, apresentarem-se como defensoras de uma moral divina que tentam impor sobre os pobres e oprimidos como mecanismo para fortalecer uma ideologia que serve à exploração.

É uma grande hipocrisia, por exemplo, a Rede Globo denunciar os bailes funk dizendo que são ambientes de degeneração, pois pessoas dançam nuas entre si ou fazem sexo nesses lugares. Apresentam esse fato como uma agrave degeneração moral, mas escondem que a mesma coisa é feita nas festas que ocorrem entre os seus artistas ou nos luxuosos bailes de carnaval freqüentados pela burguesia. Ou seja, a moral burguesa contrária ao sexo é imposta aos pobres das favelas enquanto a tolerância e permissividade é reservada para a burguesia hipócrita. **O errado não é a burguesia fazer sexo livre. Errado é querer que somente essa classe social possa desfrutar dessa liberdade.**

Não devemos defender a poligamia como "modelo" da sexualidade. Em relação ao sexo, simplesmente não deve existir nenhum padrão universal! É dever dos comunistas oporem-se à criminalização da poligamia, inclusive os casamentos plurais, e combater a ideologia monogâmica.

- **Contra a criminalização da poligamia!**

O MITO DA MULHER RECATADA E ENVERGONHADA

Outro mito que a burguesia procura sustentar é o da mulher recatada, envergonhada e que só é capaz de sentir prazer com o seu marido. Esse mito procura restringir ao máximo a sexualidade feminina. Essa restrição é muito importante, pois quanto menos sexo a mulher fizer, melhor será para o burguês que controla o seu corpo de modo a gerar apenas descendentes que carreguem o seu nome. Por causa disso, a sociedade reproduz uma educação que ensina as mulheres, desde pequenas, a guardarem sua sexualidade ao máximo. A mulher pré-adolescente raramente se masturba e, por conseguinte, demora a descobrir seu corpo. Quando começa a descobrir é sob o castigo psicológico da culpa. E quando sua sexualidade está desenvolvida, a cultura burguesa dominante obriga as mulheres a apresentarem-se perante a sociedade como recatadas e mulheres de um homem só, de preferência burguês.

A mulher que foge um pouco a essa norma é rotulada com uma série de adjetivos depreciativos. Os comunistas devem combater essa ideologia que impõe castigos sobre as mulheres trabalhadoras. Um desses graves castigos está relacionado ao próprio prazer. Educadas, desde crianças, sob o manto da culpa, a mulher que descobre sua sexualidade demora muito para conseguir descobrir o prazer. Não é por acaso que muitas mulheres têm dificuldade de atingir seu orgasmo. A origem da dificuldade das mulheres em sentir prazer está relacionada à culpa ligada ao sexo e que tem sua origem na hipócrita moral burguesa que é imposta sobre a classe trabalhadora.

Outro tipo de castigo está relacionado à repressão social, principalmente nos ambientes de trabalho. Importante lembrar o caso da doméstica que trabalhava nos apartamentos dos atletas durante os jogos pan americanos no Rio de Janeiro, em 2007. Aquela mulher foi demitida simplesmente porque descobriram que ela manteve relações sexuais com um dos atletas. O mesmo ocorreu com uma jovem, também doméstica, que dançou nua em um baile funk. Quando os patrões descobriram, imediatamente a demitiram. Para esses burgueses hipócritas, a mulher não pode fazer sexo. A mulher que pratica sexo ou sensualidade deve ser

perseguida, demitida etc. Enquanto isso, a sensualidade das mulheres burguesas que desfilam nuas como destaques do carnaval é permitida e exaltada. É dever dos comunistas rechaçar todo tipo de perseguição a mulheres trabalhadoras que tentam exercer sua sexualidade ou sensualidade.

- **Pela defesa das mulheres perseguidas por causa do sexo, principalmente no trabalho**
- **Nenhum preconceito à mulher que exerce sua sexualidade**

O MITO DA PERVERSÃO DA HOMOSSEXUALIDADE E DA BISSEXUALIDADE

A homossexualidade e a bissexualidade são, talvez, as práticas sexuais mais reprimidas pela moral burguesa. A base material da ideologia homofóbica é a mesma da que reprime a sexualidade da mulher. A necessidade de gerar descendentes que carreguem o nome da burguesia e, por conseguinte, mantenham a propriedade sob seu controle.

Assim, ainda nos dias de hoje, os homossexuais e bissexuais sofrem violentas perseguições. A igreja ajuda a perpetuar a idéia de que relação homossexual é "pra´tica demoníaca". A televisão apresenta personagens homossexuais como figuras ridículas, objeto de piadas e de risos. A sociedade discrimina, agride e nega oportunidades de trabalho para os homossexuais assumidos. Estes são empurrados para profissões marginalizadas. Esse conjunto de repressões serve para obrigar os homossexuais a se expressarem sexualmente somente nos guetos GLS, alimentando a pequena e a grande burguesia do "ramo homossexual".

As próprias paradas gays, que eram atos políticos, se transformaram em parte do calendário turístico. Os comunistas têm o dever de se opor a toda repressão social à homossexualidade na classe trabalhadora. Quando um burguês homossexual sofrer algum tipo de discriminação, é dever dos comunistas denunciar que esse burguês está sendo vítima da própria ideologia que ele mesmo ajuda a sustentar.

Os bissexuais sofrem um tipo sutil e devastador de opressão. O conjunto das ideologias burguesas (principalmente a psicanálise) simplesmente nega que uma pessoa possa sentir atração por homens e mulheres, dizendo que, na verdade, os bissexuais são homo ou heterossexuais "mascarados". Alguns bissexuais acabam adotando essa ideologia, levando uma vida dupla ou negando a própria sexualidade, o que causa grandes problemas psicológicos.

O "movimento homossexual" (entre aspas, porque é formado por ONGs sustentadas pelo Estado e pelas empresas) insiste que a solução é aceitar as famílias homossexuais, e reivindica o direito ao casamento. Na verdade, isso é uma incorporação da ideologia da família burguesa. O casamento não deve precisar de reconhecimento estatal! Não deve haver nenhuma norma que impeça duas ou mais pessoas de viverem juntas, terem e criarem crianças, com plenos direitos previdenciários.

Além disso, as ONGs têm se concentrado, no Brasil, em lutar pela criminalização da homofobia, ou seja, confiar no Estado para resolver as contradições geradas pelo sistema entre os trabalhadores. O exemplo das leis contra o racismo (em que ninguém consegue provar que alguma discriminação foi causada por causa da raça, e que geralmente é revertida pelo racista em acusação de calúnia!) mostra como esse caminho é um beco sem saída. Em vez dele, devemos tentar organizar autodefesas dos movimentos sindical, estudantil e popular contra a violência homofóbica.

Outro resultado da política das ONGs é a criação, através do mercado rosa, de padrões de beleza homossexuais que são tão restritivos e racistas como os da mídia burguesa. As formas de beleza minoritárias (ursos, mulheres mais gordas etc) são, ao mesmo tempo, marginalizadas e mercantilizadas para um público

seleto (e que paga muito). Por isso, os comunistas defendem a **descolonização da beleza**, e a pluralidade de padrões estéticos, como forma de afirmar todas as possibilidades do erotismo hetero e homossexual.

Outra questão colocada pelo desenvolvimento das forças produtivas é a transexualidade. Defendemos que qualquer pessoa deve ter o sexo que quiser, e que o sistema de saúde deve garantir gratuitamente a cirurgia de mudança de sexo, e que os transgêneros não devem sofrer nenhuma discriminação por isso, principalmente no mercado de trabalho.

- **Em defesa dos homossexuais e bissexuais trabalhadores.**
- **Contra a ideologia bifóbica!**
- **Contra o mercado rosa e os modelos de beleza mercantis!**
- **Expropriação das Igrejas homofóbicas!**
- **Fora ONGs! São os sindicatos e movimentos populares que devem organizar as lutas dos homossexuais!**
- **Plenos direitos civis, trabalhistas e previdenciários para os homossexuais!**

O SEXO E A SAÚDE

São muitas as doenças relacionadas ao sexo. Algumas dessas doenças são conhecidas há séculos. A prática do sexo deve se dar de modo a que a classe trabalhadora se preserve desses males. Ocorre, porém, que a burguesia vem se aproveitado desse fato para criar mais culpa, medo e terror sobre a sexualidade. Todo contato humano é passível de transmitir microorganismos. A Gripe Tipo A, por exemplo, pode ser transmitida até mesmo pelo ar ou pelas mãos. Porém, as doenças transmitidas pelo contato sexual têm um destaque importante para gerar o medo. É importante lembrar que a melhor maneira de evitar doenças relacionadas ao sexo é o uso do preservativo e não a restrição das práticas sexuais, como a burguesia tenta fazer crer.

Nos estados Unidos, que são a terra natal do fundamentalismo cristão, existem grupos de jovens que fazem pactos para se manterem virgens até o casamento. É preciso ser dito que essas restrições ou abstenções não são o melhor caminho para evitar doenças, pois elas são muito nocivas à saúde. A restrição ou abstenção do sexo causa problemas à saúde mental/emocional, frustração, etc. que podem igualmente manifestarem-se fisicamente através de alguma disfunção sexual ou doenças físicas de origem emocional.

A QUESTÃO DA PORNOGRAFIA

A questão da pornografia está intimamente ligada a duas outras questões: a democratização dos meios de comunicação e dos lucros obtidos através das restrições ao sexo. O mercado pornográfico movimenta uma fortuna gigantesca. Os filmes, revistas, livros, etc, são muito bem vendidos e constituem um mercado que nunca entra em crise: o mercado sexual. Essa inesgotável fonte de lucro só pode existir enquanto houver uma moral hipócrita oprimindo as pessoas com relação ao sexo. Isso porque, uma vez estando proibidas de ter uma vida sexual livre, as pessoas procuram realizar seus desejos secretamente em pensamentos através apenas do consumo no mercado pornográfico. Nesse aspecto, mas uma vez se revela toda a hipocrisia do moralismo burguês. Impõem sobre o sexo a cortina de ferro da culpa para lucrar no mercado através de uma válvula de escape que as pessoas encontram: o consumo.

O segundo aspecto da pornografia é a questão do monopólio dos meios de comunicação nas mãos da

burguesia. Esse é um elemento chave na formulação do convencimento e também permite que a burguesia lucre com a pornografia. Os meios de comunicação devem estar sob controle dos trabalhadores através das suas organizações de base. Sendo assim, as comunicações não estariam submetidas ao lucro e, quem quisesse divulgar pornografia, não precisaria fazê-lo sob a ditadura do mercado, que impõe padrões de beleza e que gera uma pornografia para ser vendida.

A pornografia deve ser livre e não uma mercadoria. A pornografia deve ser uma forma de as pessoas extravasarem sua criatividade, seja a través da divulgação de filmes, fotos, produções independentes, etc. Uma pornografia que não é produzida para o lucro, mas para o prazer e que não dita padrões e nem serve como uma mera válvula de escape para as frustrações sexuais. A pornografia deve ser tratada como arte. Mas isso só é possível com a libertação do sexo das garras do moralismo burguês e com a democratização dos meios de comunicação que não podem estar sob o controle da burguesia e a serviço do mercado.

Mas a burguesia não pode explorar o mercado pornográfico correndo o risco de abrir mão de sua moral. Por isso, esse mercado é mantido sob um ar de clandestinidade. Enquanto isso, setores mais reacionários da burguesia defendem o fim de toda e qualquer pornografia. Os comunistas não reproduzem o moralismo burguês. Somos contra os atentados de setores reacionários da burguesia contra a pornografia. E nessa defesa, somos mais pornográficos que os burgueses que lucram com esse mercado, pois defendemos a pornografia até as últimas consequências. A pornografia livre das amarras do mercado, bandeira que está relacionada diretamente à democratização dos meios de comunicação.

- **Contra a moral hipócrita que condena a pornografia!**
- **Pela libertação da pornografia das garras do setor burguês que a explora, somos pelo controle dos meios de comunicação pelos trabalhadores.**
- **Em defesa de todo trabalhador(a) perseguido por praticar pornografia amadora.**

A QUESTÃO DA PROSTITUIÇÃO

A prostituição é uma forma de a burguesia oprimir as mulheres, que são atiradas no mercado sexual e obrigadas a vender seus corpos. Somos contra os burgueses que lucram às custas da exploração sexual das prostitutas. Por isso, não defendemos bandeiras de liberdade para a exploração sexual, como um “mercado legal de prostituição”.

Ao mesmo tempo, estamos em defesa das prostitutas e defendemos que o movimento feminista deve dar proteção militar a essas mulheres para que elas não precisem se submeter ao controle dos cafetões sobre seus corpos em troca de “segurança”. Devemos combater as investidas hipócritas e moralistas contra as mulheres prostitutas. Investidas como a dos playboys do Rio de Janeiro, que agrediram uma doméstica “porque pensaram que fosse uma prostituta”, devem ser rechaçadas pelos comunistas. A burguesia usa sua moral reacionária para discriminar essas mulheres única e exclusivamente porque é hipócrita, pois essas mulheres somente estão nessas condições devido à exploração que a própria burguesia pratica.

- **Contra a legalização do mercado de exploração sexual**
- **Pela defesa militar das prostitutas e michês.**
- **Contra a hipócrita moral burguesa que discrimina as prostitutas e michês**.

O FEMINISMO PEQUENO BURGUÊS É CONTRA O SEXO

O feminismo pequeno burguês reproduz, no movimento, o moralismo burguês que é contra o sexo. O sistema de argumentação desse tipo de feminismo conduz ao desvio do foco da luta de classes. O confronto desse feminismo deixa de ser com a burguesia e passa ser com os homens em geral, inclusive trabalhadores. Nessa "guerra dos sexos", esse tipo de feminismo acaba sendo contra o sexo, pois seria uma forma da mulher se submeter à condição de "objeto sexual" dos homens. Exaltam a homossexualidade feminina esquecendo-se que trata-se de reproduzir o mesmo modelo familiar burguês com a única diferença de que, no lugar de um homem, haveria uma outra mulher.

O feminismo pequeno burguês, ao invés de formular um sistema de palavras de ordem que façam as feministas entrarem em confronto direto com a burguesia, se preocupa apenas em combater comportamentos individuais praticados pelos homens. Assim, por exemplo, afirmam que as mulheres que dançam nuas nos bailes funk estão sendo usadas como objetos. Nesse aspecto, esquecem-se que essa é uma forma de diversão que agrada a homens e mulheres. Reproduzem, assim, o mesmo discurso hipócrita da burguesia, que é contra o sexo e chamam de machistas os homens que freqüentam esses bailes.

Com relação à prostituição, o feminismo pequeno burguês não levanta nenhuma palavra de ordem contra a burguesia cafetina e nem organiza a defesa militar das prostitutas para que elas se livrem dos cafetões e dos playboys fascistas. Se limitam apenas a dizer que são machistas os homens que contratam uma prostituta. Isso é uma espécie de discurso neoliberal. Ou seja, o machismo que envolve a questão da prostituição é culpa de quem procura esse serviço e não do sistema social da burguesia que obriga mulheres a se venderem. O mesmo sistema social, com sua moral e seus valores, cria situações nas quais alguns homens ficam excluídos da vida sexual e recorrem à prostituição. Mas, para o feminismo pequeno burguês, o machismo está na conduta do homem que vai à prostituta e, assim sendo, não formula nenhuma bandeira que leve as prostitutas a se chocarem com os cafetões e a burguesia. Também é uma forma de combater não a exploração, mas o sexo em si.

O feminismo pequeno burguês também reforça as ilusões no regime e na burguesia, pois defendem o tipo de política pública mais reacionária. Para esse tipo de feminismo, o principal problema das mulheres são os homens. Assim, sua batalha central é sobre um suposto extermínio praticado pelos homens contra as mulheres através de agressões diárias. A solução que esse feminismo apresenta é o reforço do aparato repressor burguês através da defesa de "delegacias de mulheres".

Somos intransigentemente contra deixar a proteção das mulheres a cargo das "delegacias de mulheres", pois não defendemos nenhuma forma de uso da força por parte da burguesia. O movimento organizado deve dar proteção e abrigo a mulheres ameaçadas de violência. Toda ação da burguesia ou pequena burguesia que envolva agressão de mulheres trabalhadoras deve ser punida exemplarmente pela ação direta do próprio movimento organizado. Nessa luta, não chamamos as mulheres, em nenhum momento, a confiar no aparato repressivo burguês. O reforço desse aparato só pode se voltar contra a classe trabalhadora. Nesse sentido, correntes que defendem as "delegacias de mulheres", acabam, nesse aspecto, comportando-se como inimigos de classe.

A AMEAÇA FASCISTA

A moral sexual burguesa legitima ações do fascismo organizado, que já existe e é uma ameaça permanente. O fascismo se organiza através de organizações tradicionais, como o MV Brasil e o movimento

integralista, mas também encontra hoje, no Brasil, novas formas de organização: o fundamentalismo religioso, os grupos de extermínio etc.

Hoje, já não é novidade ver grupos religiosos se organizando militarmente para agredir centros de religião de origem africana. Também são frequentes ações de grupos de extermínio contra homossexuais. Hoje, a burguesia ainda exerce algum tipo de repressão contra esses grupos fascistas. Porém, em uma ofensiva dos trabalhadores, não temos a mínima dúvida que a burguesia daria carta branca para que eles lançassem suas investidas contra nossa classe.

A moral sexual burguesa ajuda a legitimar esses grupos tradicionalistas e conservadores. Por isso, esses mesmos grupos procuram preservar e reforçar essa moral sexual. É mais fácil conseguir convencer um trabalhador a discriminar e perseguir outro quando a questão da sexualidade está envolvida. A homofobia é um "abre-alas" para todo o restante do programa fascista. Não foi à toa que os membros da igreja Geração Jesus Cristo, que atacaram um centro de umbanda no Rio de Janeiro em 2009, prepararam a ação com uma agitação pela Internet, dizendo que todo babalorixá é homossexual.

O combate à moral burguesa é também um combate à ideologia fascista. Mas, nesse aspecto a batalha não pode ser apenas ideológica, mas também prática. **Por isso, mais do que nunca, os comunistas devem colocar na ordem do dia a necessidade de auto defesa dos movimentos de ocupação, dos movimentos negros, das prostitutas e michês, dos homossexuais, de todos os grupos perseguidos, oprimidos e ameaçados.**

O MOVIMENTO OPERÁRIO E O SEXO

Até hoje, o movimento operário vê o sexo como algo fora da sua área de interesse. E isso não é só influência do feminismo pequeno burguês. Desde o século XIX, a maioria das correntes, formadas principalmente por homens brancos europeus, não conseguiram vencer os seus condicionamentos culturais e sociais, e ter um programa revolucionário para a questão do sexo. Por exemplo, Marx foi homofóbico e Engels defendeu a monogamia.

Mas houve exceções. No tempo do socialismo utópico, Fourier imaginava que as comunidades que deveriam superar o capitalismo deveriam acolher "todos os vícios e virtudes", e que os "desvios" sexuais acabariam se complementando, levando mais harmonia à sociedade. Flora Tristan também defendeu a libertação da mulher desde o começo do século XIX. Houve outras discussões pontuais, como a agitação da social-democracia alemã contra as leis proibindo a homossexualidade, os anarquistas que defenderam o amor livre, e a luta pela educação sexual.

Após a revolução russa, os bolcheviques acabaram com todas as leis contra os filhos ilegítimos, legalizaram o aborto e a homossexualidade. No período da revolução russa, Alexandra Kollontai, militante do partido bolchevique (no qual criou a tendência Oposição Operária, em 1920, que foi equivocadamente suprimida pela direção do partido), foi a maior teórica sobre a questão da libertação sexual, principalmente da mulher. Por isso, ajudou o partido nas experiências de socialização do trabalho doméstico e da educação infantil, que permitiriam tirar as mulheres da escravidão familiar, e lhes deixar livres para exercer seus desejos. Além disso, combateu todos os preconceitos contra a sexualidade da mulher.

Infelizmente, a contra-revolução política stalinista destruiu todo esse clima de libertação sexual, como foi mostrado no livro *A Revolução Sexual*, de Wilhelm Reich. O próprio Reich, que escreveu grandes contribuições, como *Psicologia de Massas do Fascismo*, *O Combate Sexual da Juventude* e *Marxismo e*

Psicanálise, lutou contra a hegemonia stalinista na III Internacional com a sua organização, a Sexpol, que era uma seção de massas do PC alemão.

A política intolerável da Internacional, que igualava a social-democracia e o fascismo, e que dizia que homossexualidade era desvio pequeno-burguês, acabou excluindo Reich do partido. Essa crise, e a derrota dos trabalhadores alemães por Hitler, fez com que Wilhelm Reich começasse a evoluir para posições anti-comunistas, ao mesmo tempo em que dava o peso decisivo para a vitória da revolução não na luta política, e sim na luta contra a repressão sexual, o que fez com que suas obras do pós-guerra perdessem seu conteúdo classista e revolucionário.

Depois da derrota alemã e da marginalização do trotskismo, as revoluções chinesa e cubana foram marcadas por perseguições a homossexuais, censura da pornografia e discriminação das prostitutas. Com a hegemonia stalinista, a influência da social-democracia no movimento em todo o mundo varreu para debaixo dos panos qualquer discussão que não fosse considerada "respeitável" pelos patrões e pela imprensa. Hoje, os governos de colaboração de classes (como o governo de Lula com os grandes empresários) mantém os mesmo padrões da burguesia, e tentam ser mais moralistas do que os partidos tradicionais. É o caso também, de partidos como o PSOL, cuja candidata a presidente Heloísa Helena é contra a legalização do aborto.

Durante os anos 60, quando a situação revolucionária mundial colocou na arena da luta de classes vários setores antes desprezados, como os negros e homossexuais, a questão sexual foi pautada apenas por grupos marginais, sem se tornar referência para a classe. Assim, os intelectuais que levaram a discussão sobre o sexo para o movimento operário nos anos 1960 e 1970, como Herbert Marcuse (autor de *Eros e Civilização*) e Michel Foucault (que escreveu o livro fundamental *A História da Sexualidade*), e que geraram análises muito importantes até hoje, o fizeram dentro de uma ideologia que negava que a classe operária do primeiro mundo pudesse ser ganha para o socialismo.

Apesar disso, o conceito de "dessublimação repressiva" de Marcuse (que explica como o relaxamento da repressão sexual, em espaços e circunstâncias controladas pelo sistema, pode ser usado para reforçar o conformismo), assim como o de "controle sexual", de Foucault (definindo que as classes dominantes nunca impediram totalmente a prática sexual, e sim a controlaram dentro de limites do seu interesse), são fundamentais para compreendermos como o sexo foi mercantilizado depois do momento histórico em que as forças produtivas estiveram tão desenvolvidas que foi impossível manter o nível anterior de escassez sexual das massas.

Foucault também foi muito importante para desmascarar a ideologia burguesa sobre a loucura e as chamadas perversões sexuais, o que é outro campo em que devemos intervir ideologicamente. E Marcuse relativizou o conceito freudiano de "princípio de realidade", para mostrar que a repressão sexual é socialmente condicionada, e que pode desaparecer após a superação da escassez capitalista, através de uma liberação da libido. Estamos apenas pontuando algumas contribuições destes teóricos, mas existem muitas outras. Por isso, é indispensável para a luta de classes ler e reler as obras deles.

Hoje, as ONGs feministas e de homossexuais fazem o possível para renegar estas lutas, seja fingindo que nunca aconteceram, seja "açucarando" elas, como se fossem lutas pelo reconhecimento dentro do Estado burguês. Assim, fazem as massas ignorarem experiências como a do ***Gay Liberation Front*** (nos anos 1960), e das organizações de mulheres com programas classistas, tanto nos países capitalistas, como nos Estados Operários Burocratizados.

Então, não é por acaso que esse livreto pode provocar riso por parte da esquerda oficial. As seitas

idiotas que não dão importância para o sexo apenas reproduzem a ideologia da classe dominante, de torná-lo um assunto “privado” e “secreto”. Na verdade, o assunto de que mais os trabalhadores falam no seu dia-a-dia é o sexo.

A burguesia desde sempre politizou e discutiu publicamente a questão sexual, assim como os fundamentalistas que se lançam hoje numa investida, inclusive no Brasil (Igreja Universal). Durante as revoluções burguesas, o sexo sempre foi pautado – porque toda revolução é uma transformação radical na vida cotidiana. O maior exemplo disso é o escrito e revolucionário jacobino Marquês de Sade, que foi um dos poucos presos que estavam na Bastilha quando ela foi tomada pelo povo em armas. Se o socialismo não for uma alternativa concreta e viável para a vida cotidiana das pessoas, elas nunca mais vão voltar a se interessar por ele!

A única forma de garantir a plena expressão da sexualidade é acabar com a sociedade em que temos que vender o corpo para o patrão em troca de um salário. A experiência da revolução operária na Rússia mostrou o que pode ser conseguido em poucos anos. Este combate deve ser dado por dentro dos sindicatos e movimentos populares. Como disse Lênin, os comunistas devem ser os “tribunos do povo”, lutando contra todas as formas de opressão. Assim, a luta por uma sexualidade liberta das amarras do capitalismo recai nos ombros (e no resto do corpo) dos trabalhadores revolucionários, e de seu partido – a ser refundado – a **Quarta Internacional**.

